

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v14.n33.04>

As duas faces da mesma moeda: o encontro do eu com o outro na graphic novel *Batman: a piada mortal*, de Alan Moore e Brian Bolland

Two sides of the same coin: the meeting of the Self with the Other in the graphic novel Batman: the killing joke, by Alan Moore and Brian Bolland

Roberto Rossi Menegotto*
Nataniel dos Santos Gomes**

Resumo: A proposta deste trabalho é discutir o encontro do Eu com o Outro, como uma forma corporificada do espelho que revela uma face oculta da personagem, ou seja, como um tipo de versão antagônica de si mesmo, mas escondida por meio de máscaras ou fantasias, sem revelar o seu verdadeiro “Eu”, escondidos nas zonas abissais da alma. Para tal, analisaremos a *graphic novel Batman: a piada mortal*, de Alan Moore e Brian Bolland, publicada em 1988, pela DC Comics, que narra a origem do vilão conhecido como Coringa, um comediante falido que concorda em participar de um assalto e acaba desfigurado quando foi impedido por Batman de realizar o crime por Batman. Esse fato faz com que o vilão enlouqueça e assuma a identidade do antagonista do Cavaleiro das Trevas. A insanidade também persegue Batman, que tem origem em um passado marcado pela tragédia e faz com que ele assuma a identidade de um vigilante mascarado contra o crime. A partir de origens marcadas por tragédias, cada um deles luta por seus ideais, a partir de pressuposições diferentes, como se não tivessem escolhas, mas no fundo um reflete o outro. O amparo bibliográfico é oriundo de autores como Ana Maria Mello de Lisboa (2000), Clément Rosset (1976), Daniel Paixão Pequeno, Diego Rodrigues Silva, Alex Moreira Carvalho (2022) e Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2017).

Palavras-chave: *Batman: a piada mortal*. Coringa. Duplo.

Abstract: This research aims at showing the encounter of the Self with the Other, as an embodied form of the mirror that reveals a hidden face of the character as an antagonistic version of himself, but hidden throughout masks or fantasies, without revealing his real “Self”, hidden in the abyssal zones of the soul. To lead our path, we will analyze the graphic novel *Batman: The Killing Joke*, written by Alan Moore and Brian Bolland, published in 1988, by DC Comics, which shows the origin of the

* Professor da educação básica. Doutor em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

** Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

villain known as Joker, a bankrupt comedian, who agrees to participate in a robbery and ends up disfigured when stopped from getting the crime done by Batman. This causes the villain to go insane and assume the identity of the Dark Knight's antagonist. The insanity also assaults Batman, who find his origins in a tragic past and it compels him to assume the identity of a masked vigilante who fights against the criminality. Standing in origins which are marked by tragedies, each of them fight for their ideals from different thoughts, as if they had no choice, but in deep of their soul, one reflects the other. Our theoretical framework consists of authors such as Ana Maria Mello de Lisboa (2000), Clément Rosset (1976), Daniel Paixão Pequeno, Diego Rodrigues Silva, Alex Moreira Carvalho (2022) e Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2017).

Keyword: *Batman: the killing joke*. Joker. Double.

Introdução

“Só é preciso um dia ruim para reduzir o mais são dos homens a um lunático”, diz o Coringa ao Batman, e continua, “Você teve um dia ruim uma vez, não é?” A fala do nêmesis de Batman na *graphic novel* *Batman: a piada mortal* descreve em forma de *flashback* a origem das duas personagens, marcadas por “um dia ruim” na vida de cada uma delas. No caso do herói, o acontecimento foi o assassinato de seus pais por um assaltante na saída do cinema, enquanto que, para Coringa foi a participação em um assalto impedido pelo herói trouxe como consequência a sua insanidade e a desfiguração de seu rosto. As duas personagens são um espelho, em que uma reflete a outra com imagem simetricamente oposta, seja as personalidades – uma é sisuda e a outra é espalhafatosa –, seja em suas origens – tragédias que levaram cada uma delas para o estilo de vida que seguem e para a violência praticada por ambas.

A história da *graphic novel* começa com Batman refletindo sobre a crescente violência dos seus embates com Coringa, entendendo que isso vai resultar na morte de um ou de ambos. Diante disso, o herói vai ao hospício interrogar o criminoso e lá descobre que ele havia fugido. Longe da prisão, Coringa planeja demonstrar que a loucura pode acometer qualquer um, basta que se tenha “um dia ruim”. O alvo

do vilão passa a ser o Comissário Gordon, na tentativa de mostrar que um “homem da lei”, que serve como um bastião da justiça, marcado como um homem sensato, pode surtar se for levado ao seu extremo.

Primeiro, Coringa atira em Bárbara Gordon, filha do comissário, deixando-a paraplégica. Além disso, ele tira fotos da moça nua e as envia para seu pai, sugerindo, inclusive, abuso sexual. Tudo isso como uma macabra estratégia para enlouquecer o policial. Enquanto a narrativa se desenvolve, é contada a origem do vilão em forma de *flashback*: ele era um comediante malsucedido, que perdeu a esposa grávida, pouco antes de se envolver em um roubo. Durante o crime, Batman aparece e impede a ação, deixando a personagem desfigurada e, conseqüentemente, perdendo a sua sanidade. Nesse sentido, Coringa quer provar que isso pode acontecer com qualquer um, a partir de uma pressão psicológica excessiva para que se enlouqueça.

O impacto da *graphic novel* foi tão grande que, em 1989, ela ganhou três prêmios Eisner (roteirista, desenhista/arte-finalista e álbum) e quatro Harvey (artista, colorista, edição e álbum). A obra acabou assumindo a posição de uma das histórias em quadrinhos mais vendidas de Batman e da editora DC Comics, tornando-se uma obra que continua sendo reimpressa e vendida até hoje, em edições especiais, encadernadas e em coletâneas, porque consegue transformar o grotesco e o violento em uma narrativa que gera admiração no leitor.

Parte do sucesso da obra se deve ao roteiro de Alan Moore, inglês, nascido em Northampton, em 1953. Vindo de uma família pobre, ele foi expulso da escola, o que acabou impedindo-o de ter acesso a outras instituições de ensino. Na década de 1970, Moore vagou pelas ruas de Londres procurando emprego e, por isso, teve contato com mendigos, prostitutas, dependentes químicos e alcoólatras, o que o

levou a ter uma visão bastante crítica e pessimista da sociedade, traço que levou para seus roteiros.

No final da década, o autor tem seus primeiros trabalhos publicados, contribuindo para diversas revistas até garantir a sua consagração com *Marvelman* e *V de Vingança*, que lhe renderam o British Eagle Award de melhor escritor entre os anos de 1982 e 1983, o que contribuiu para que ele escrevesse a saga de Monstro do Pântano, revisitando a personagem e dando um contorno de terror à história. Além disso, Moore contribuiu para outras histórias de Batman e Superman. Foi com *Watchmen* que a complexidade das histórias ganhou maior visibilidade, envolvendo temas políticos, sociais e metafísicos, que afetavam o universo dos heróis, algo inédito até aquele momento no mundo dos quadrinhos *mainstream*.

Em *Batman: a piada mortal*, Moore une Batman e Coringa para mostrar os dois como faces da mesma moeda, apesar das diferenças superficiais. Batman foi criado por Bill Finger e Bob Kane, em 1939, sendo uma junção de diferentes personagens sombrios e mascarados inspirados nos contos de vampiros, com um lado detetivesco vindo de Sherlock Holmes, de Sir Conan Doyle. Além disso, a figura de um membro da aristocracia lutando contra a opressão, com roupas pretas, capa e espada vem de Zorro.

Por sua vez, Coringa foi criado por Jerry Robinson, Bill Finger e Bob Kane, e veio a público em 1940. Parte de sua personalidade foi inspirada no personagem Gwynplaine, do romance *O homem que ri*, de Victor Hugo, que tem o rosto desfigurado e a aparência marcada por um constante sorriso macabro. Detalhes da vida de Coringa antes da criminalidade são escassos nos quadrinhos até mesmo para os leitores.

Na obra *Batman: a piada mortal*, o leitor presencia as origens do vilão, apesar de ele próprio colocar em xeque tais detalhes, seja pela confusão mental, mentira ou anarquia:

Foi assim que aconteceu comigo, sabe... Bem, eu não tenho certeza absoluta... Algumas vezes me lembro de um jeito. Outras vezes, de outro... Se eu vou ter um passado, prefiro que seja de múltipla escolha! Ah ah ah! Mas meu ponto é... Meu ponto é... Eu fiquei louco (MOORE; BOLLAND, 2016, p. 42).

Ou seja, apesar de o leitor ficar incerto acerca da veracidade da antiga profissão de comediante ou da existência da esposa grávida, Coringa mantém a sua história sobre a ocorrência de uma situação extrema que o levara à loucura. O vilão tem tanta crença nisso que transforma a sua própria história em um plano para enlouquecer a personagem do comissário Gordon e, assim, mostrar que qualquer pessoa pode sofrer a “queda” da condição de pessoa sã e, então, tornar-se um louco desvairado.

Em *Batman: a piada mortal*, Batman e Coringa são aproximados por um passado trágico que os levou a consequências extremas: Bruce Wayne, traumatizado pela morte de seus pais, decidiu vestir-se como um morcego para combater o crime, ainda que sua atuação como vigilante seja um crime por si; por outro lado, o comediante (nunca nomeado), trajou-se como um palhaço para praticar delitos. Assim, na *graphic novel*, herói e vilão podem ser percebidos como Outro ou duplos: conceitualmente idênticos, mas, como em um reflexo, simetricamente opostos.

A questão do Duplo acompanha a humanidade e suas diferentes culturas desde os homens primitivos, que já encaravam a própria existência como se houvesse uma dualidade nela. Para Otto Rank (2013, p. 94-95), as primeiras manifestações de crença em um Outro surgiram com o homem primitivo, “que considera a sombra o seu misterioso Duplo, como um ser espiritual, porém real.” Ainda, conforme o autor, há inúmeras superstições ligadas a diferentes povos, em diferentes pontos do planeta, e sua relação com a sua própria sombra ao longo da história que, para eles, seria uma extensão da alma. De

acordo com Ana Maria Lisboa de Mello (2000, p. 113), “no imaginário, o ser humano concebe, então, a permanência de um elemento único, inalterável, a alma, cujo poder de integridade é tal que se constitui como o duplo do corpo numa realidade quase tangível.”

Observando a dimensão psicológica das personagens da HQ, percebe-se que seus traumas deram origem a identidades paralelas, que se fantasiam para praticarem atividades ilícitas. Assim, infere-se que o “Eu” de ambos é frágil e à beira de um colapso. Conforme Mello (2000, p. 114), essa é a condição principal para o surgimento do Outro, visto que o Duplo apresenta uma faceta oculta do protagonista e “pode representar a face mais autêntica, mais espontânea ou até mais vergonhosa do Eu.” Essa duplicidade, corporificada em um novo ser, pode apresentar-se na forma de um gêmeo, de um reflexo no espelho, de uma sombra, de um animal. O duplo acarreta ponderação sobre a verdadeira essência da personagem, suas ambiguidades e anseios mais profundos.

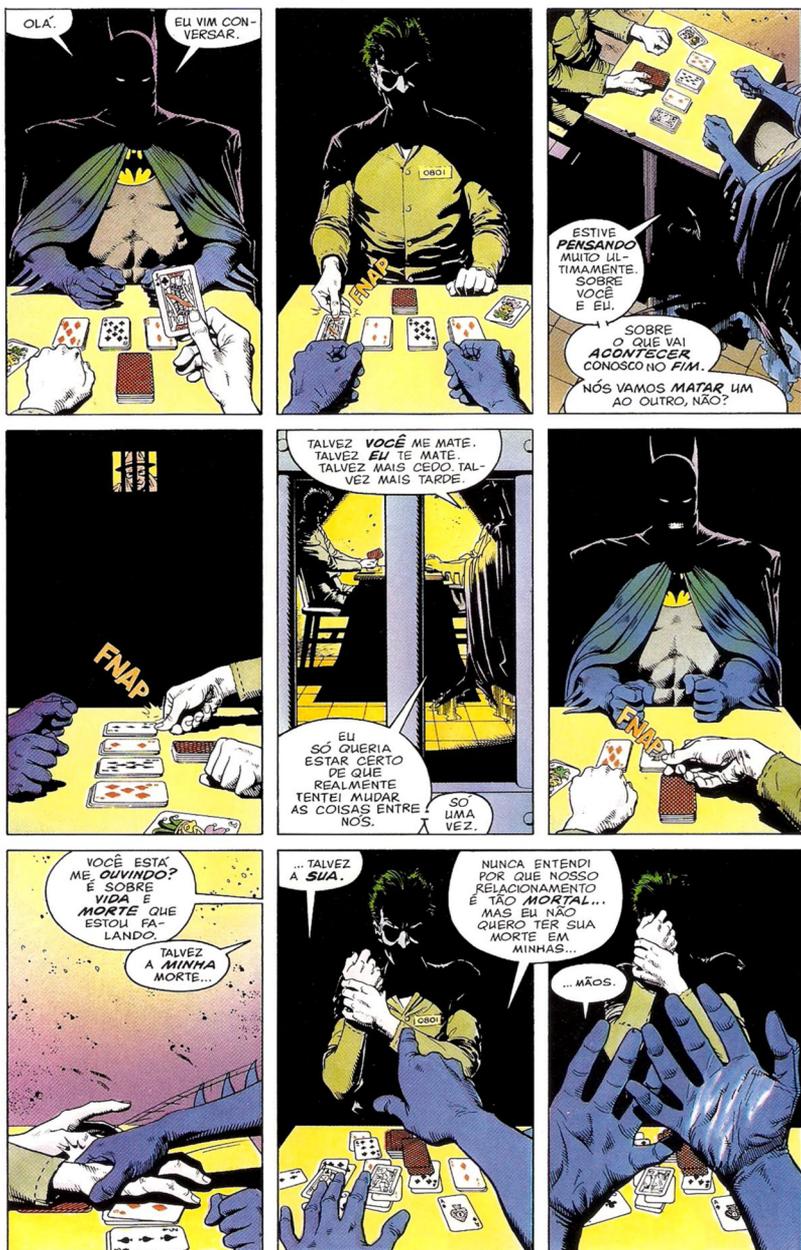
Desde o princípio da obra *Batman: a piada mortal* é notória a caracterização dessa duplicidade entre Batman e Coringa que, por vias diferentes, buscam o mesmo objetivo: encontrar uma maneira para desfazer a fragmentação identitária de ambos. Posto isso, o objetivo deste artigo é investigar como ocorre o restabelecimento da identidade das personagens e analisar as etapas do processo, de modo que se permita uma óptica mais apurada acerca da temática do Duplo na *graphic novel*.

A reintegração do duplo em *Batman: a piada mortal*

No início da obra, Batman vai ao Asilo Arkham fazer uma visita a Coringa, internado no local, com o objetivo de tentar encontrar uma maneira de alcançar a paz entre ambos. Após viverem muitos anos como arqui-inimigos, o homem-morcego percebe o vilão como uma de

suas maiores falhas, pois nunca foi capaz de remediar o ódio mortal, descabido e quase inexplicável existente entre ambos, que só teria solução com a morte de um deles ou de ambos. E é justamente nos apontamentos de Batman, que surge o primeiro indício da caracterização de ambos como Duplos, como pode ser visto a seguir, na Figura 1:

Figura 1 – Relação conflituosa



Fonte: MOORE, Alan; BOLLAND, Brian. *Batman: A piada mortal*. Barueri: Panini, 2016, p. 7.

Batman percebe que o fim, inevitável, dar-se-á com a morte de ambos e que ele não consegue explicar as raízes de tanto ódio entre os dois. Apesar disso, ele argumenta que quer fazer uma última tentativa para solucionar isso de uma vez por todas:

A dependência criada entre os personagens apresenta traços de agressividade e violência. Essa ligação, mesmo abrangendo tais sentimentos, segue o movimento de procura de Coringa desse lugar que possa encontrar tolerância as suas ações e afeto, outrora perdido, e o encontra em Batman. Este, por sua vez, assume o lugar atribuído e se transforma na figura de companhia, com quem pode contar para depositar tanto sua rebeldia quanto sua afeição. Então, mesmo a procura da independência, observada nos momentos em que Batman tenta dialogar com Coringa sobre uma trégua, este continua procurando-o, dando continuidade a esse constante processo (PEQUENO; SILVA; CARVALHO, 2022, p. 13-14).

Quando a temática do Duplo é trabalhada e um Eu e um Outro são postos em situação de conflito, a aniquilação de um resultará, inexoravelmente, na morte de seu opositor, pois, para Eduardo Kalina e Santiago Kovadloff (1989, p. 103), o Duplo é um “fato de que duas tendências antitéticas disputam um mesmo segmento temporal e idêntico espaço. Quando se tenta a sua separação, ou se provoca a redução de uma à outra, se produz a destruição de ambas”. Além disso, Batman teme manter o *status quo* da terrível existência que assola ambos. De acordo com Clément Rosset (1976, p. 65), “a solução do problema psicológico colocado pelo desdobramento de personalidade não se encontra, portanto, do lado de minha mortalidade, que é de qualquer modo certa, mas, ao contrário, do lado de minha existência, que aparece aqui como duvidosa.” Para o herói, enxergar-se no vilão é uma tragédia impensável, que acarreta uma crise sobre si, o que faz com que a separação clássica entre herói e vilão desapareça da história:

Ainda que Batman, durante a obra, apresente um discurso de que gostaria de que suas batalhas chegassem ao fim, também continua procurando

por Coringa, mantendo uma imutabilidade da situação que se encontram. Mesmo sendo uma relação nociva, se mostra necessária. Logo, o que os afasta (o contraponto do bem e do mal) acaba os aproximando pelas ações sempre controversas. Observa-se que isto se repete durante a obra: ambos se mantêm entre a agressividade e o cuidado, entre a vida e a morte, entre a dependência e a independência. As histórias se interligam, conjecturando um arco dramático que explora a densidade psicológica (PEQUENO, SILVA; CARVALHO, 2022, p. 10).

A oferta de trégua, proposta por Batman, é falha, pois, imediatamente, ele descobre que o verdadeiro Coringa fugiu do Asilo e que aquele que era seu interlocutor, é, na verdade, um impostor. Frustrado, o herói retorna para a Batcaverna e, enquanto tenta descobrir informações a respeito do vilão, é interpelado por seu mordomo, Alfred. Nesse momento, o diálogo entre eles revela, novamente, traços da relação duplicada, como se observa na Figura 2, que segue:

Figura 2 – (Des)Conhecimento



Fonte: MOORE, Alan; BOLLAND, Brian. *Batman: A piada mortal*. Barueri: Panini, 2016, p. 14, adaptado.

Quando Batman declara o nível de conhecimento que os arqui-inimigos têm um do outro, caracteriza-se, mais uma vez, a simetria entre as personagens. Por sua vez, Alfred diz não entender como pessoas

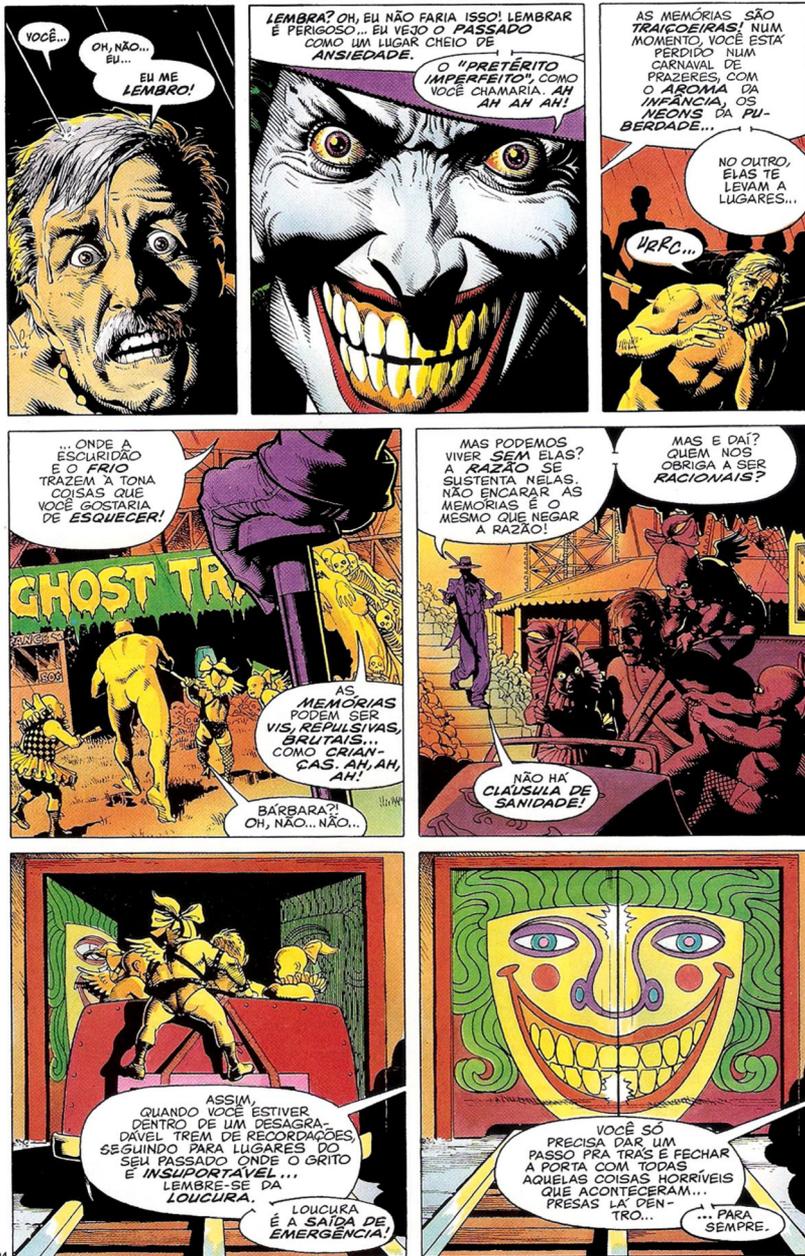
desconhecidas possuem um ódio mútuo tão extremado. Sobre tal afirmação, pode-se inferir que a origem da rivalidade advém do que um representa para o outro: o seu lado mais oculto e vergonhoso; a fonte causadora da fragmentação das identidades e que torna a existência tão frágil e penosa:

O que importa é apenas a qualidade que se pretende ocultar ou degenerar, por um afastamento de si, é justamente constituída por esta própria distância; distância que contribuiu, por outro lado, para tornar esta qualidade para sempre invisível aos olhos do seu possuidor. Como eu seria isto, se a minha vida inteira consiste em estar afastado disto (ROSSET, 1976, p. 68-69)?

Coringa bota em curso o seu plano de provar para Batman que a única diferença entre a sanidade e a loucura é a exposição a um dia ruim. Para tal, invade o apartamento do comissário Jim Gordon, dispara uma arma contra o ventre de sua filha, Bárbara Gordon, despe-a, fotografa-a naquele estado e sequestra o policial. Quando o homem-morcego a visita no hospital, pedindo que ela se tranquilize e que tudo está bem, ela responde: “Não! Não está! Ele... Ele passou dos limites dessa vez... Você não viu... Você não viu os olhos dele” (MOORE; BOLLAND, 2016, p. 21). Da mesma forma como Batman iniciou a narrativa do romance gráfico com mais calma e desejoso por uma conciliação que de costume, Coringa demonstra estar mais insano que o seu habitual, caracterizando-se, novamente, como a perfeita antítese de seu rival.

O Comissário Gordon acorda, nu, em um parque de diversões abandonado, que foi reformado por Coringa para servir ao seu intento. Enquanto seus capangas prendem o policial ao carro de um trem-fantasma – ou trem de recordações, como referido pelo palhaço -, Coringa faz um monólogo sobre a forma como memórias desagradáveis podem deteriorar a mente daqueles que não sucumbem à loucura como forma de escape. Tal situação pode ser vista na Figura 3, na sequência:

Figura 3 – A salvação pela loucura



Fonte: MOORE, Alan; BOLLAND, Brian. *Batman: A piada mortal*. Barueri: Panini, 2016, p. 24.

Coringa utiliza Jim Gordon, considerado como bastião da sanidade, para comprovar a sua teoria sobre um dia ruim ter o poder de transformar uma pessoa. Por outro lado, ele desconfia, mas não sabe que, na verdade, o alter ego de Batman já passou por uma terrível provação, que foi determinante para que ele assumisse o manto de vigilante: quando criança, Bruce Wayne testemunhou o assassinato de seus pais e cresceu órfão, conforme dito anteriormente.

Por sua vez, em *Batman: A piada mortal* é revelada que a possível origem de Coringa seja a de um comediante fracassado que, diante das dificuldades financeiras para sustentar a si e a sua esposa grávida, recebe uma oferta para ajudar bandidos a invadirem uma indústria química em que ele trabalhara, em troca de dinheiro. Durante o crime, um jovem Batman surge e persegue o comediante, fazendo com que ele pule em um tanque de produtos químicos. Como consequência, sua pele é afetada e adquire uma tonalidade esbranquiçada e seus cabelos ficam esverdeados. Acima de tudo, o trauma faz com que ele enlouqueça completamente:

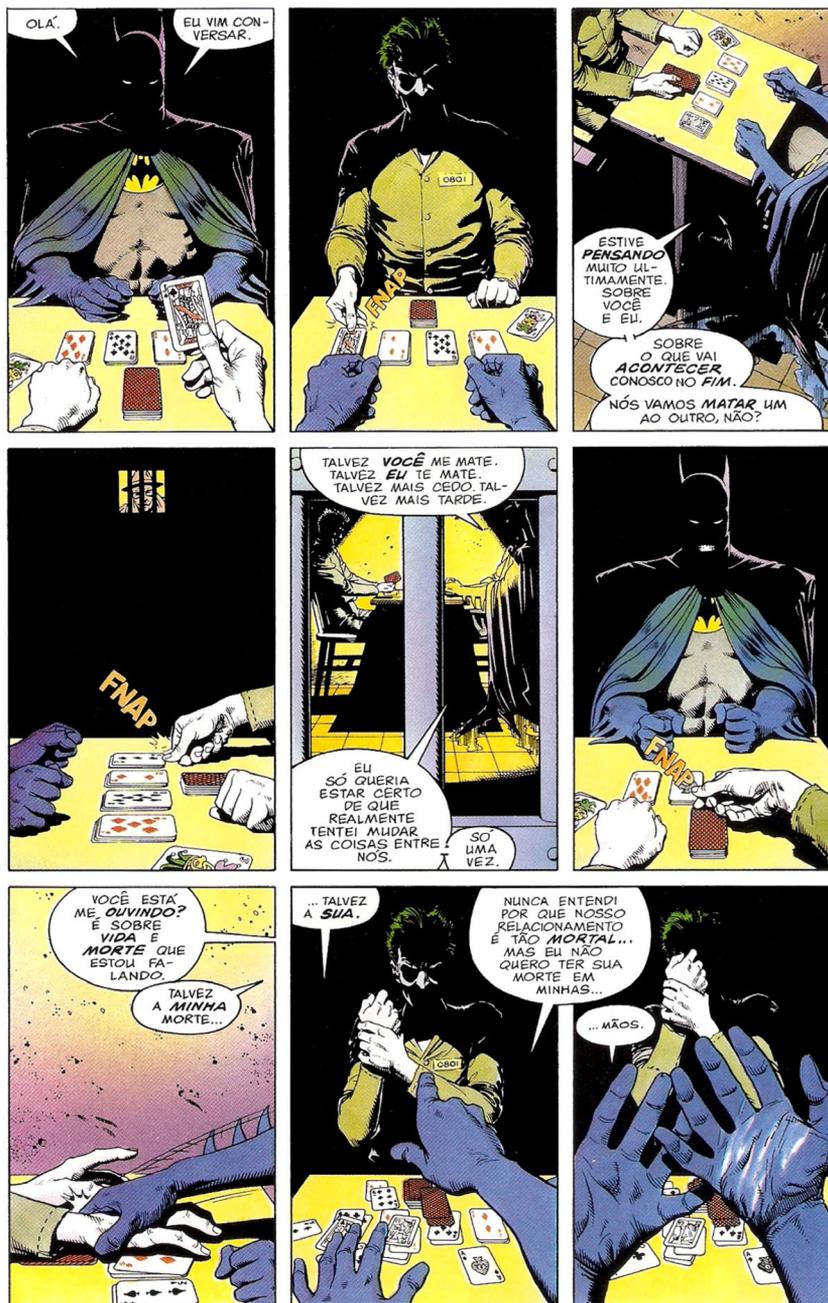
duas características do personagem se evidenciam. A primeira é a fragmentação, caracterizada pela tentativa de Coringa dismantlar a personalidade de Batman. A segunda é a aproximação, demonstrando similaridades entre suas histórias e memórias (PEQUENO; SILVA e CARVALHO, 2022, p. 7).

Portanto, por motivos próprios a cada uma das personagens, ambas foram submetidas a uma situação de estresse exacerbado, buscando o equilíbrio a todo o custo. Rosset (1976) considera que os humanos ficam vulneráveis quando postos a aceitarem o “real”, pois carecem de capacidade de enfrentamento frente a situações de adversidade extrema. Nessas condições, a transigência é abdicada, e o indivíduo busca meios para que a situação seja revertida e o controle, retomado. Mas, principalmente, “o que angustia o sujeito, muito mais

do que a sua morte próxima, é antes de tudo a sua não-realidade, a sua não-existência” (ROSSET, 1976, p. 64).

Dentro do trem-fantasma, Comissário Gordon é exposto a projeções das fotografias de sua filha baleada e nua, enquanto Coringa canta uma música sobre o prazer em ceder à loucura em momentos de desespero. Após a sessão de tortura, um Gordon completamente abatido e sem reações é enjaulado e ridicularizado pelos comparsas do Príncipe Palhaço do Crime, que continua teorizando a respeito de como a humanidade é frágil frente a um mundo desvairado e como ela não suporta ser submetida a situações de extremo desconforto. Entretanto, é possível perceber que, apesar de usar o policial como exemplo, ele está referindo-se a si próprio e, em certa medida – mesmo sem conhecer o passado de Bruce Wayne -, ao Batman, como observado na Figura 4:

Figura 4 – A personalidade em análise



Fonte: MOORE, Alan; BOLLAND, Brian. *Batman: a piada mortal*. Barueri: Panini, 2016, p. 36.

Nesse monólogo, mais uma vez Coringa caracteriza algumas das condições para que um Eu fragmentado busque uma evasão da realidade massacrante e dê origem a um Outro. Consoante Mello:

[...] através da noção do duplo, toda a problemática da identidade pessoal e das relações que nós temos com as imagens parentais, mas também como o nosso Eu profundo, nossa obscuridade e nossos medos se acham reunidas. [...] O imaginário do duplo enseja a liberação de medos e angústias reprimidos, dá vazão a sonhos de habitar espaços e tempos fantásticos, escapando à rotina sufocante do cotidiano (MELLO, 2000, p. 122-123).

Ao mesmo tempo em que Coringa submete Gordon a uma série de traumas, Batman realiza um trabalho de investigação para descobrir o paradeiro do vilão e do policial, interrogando criminosos até receber uma pista sobre a existência do parque de diversões. Quando chega ao local, o homem-morcego é recebido pelo próprio Coringa e eles, imediatamente, travam um combate corporal. Nesse momento, em forma de narração, o monólogo proferido por Batman, ao visitar Coringa no Asilo Arkham, na tentativa de uma conciliação, é repetido. Novamente, são levantadas questões sobre a paridade entre as personagens e o trágico e inevitável fim, em que o único destino possível para a resolução da rivalidade é a morte de ambos, pois, conforme Rosset (1976, p. 65), “a relação homem-duplo é perfeitamente equilibrada, tal qual o reflexo em um espelho”. Dessa forma, se o Eu desaparece, a consequência é o sumiço do Outro.

Durante o combate, Coringa consegue distrair Batman e fugir para dentro de outra atração do alucinado parque de diversões. Enquanto isso, o homem-morcego encontra Gordon e o resgata. O comissário relata as atrocidades cometidas pelo vilão e mostra que, apesar das torturas, mantém-se são e faz um pedido: “Eu estou bem! Você tem que ir atrás dele! Quero que o prenda... Quero que o prenda pela lei!

Pela lei, você ouviu? Precisamos mostrar a ele! Temos de mostrar que o nosso jeito funciona” (MOORE; BOLLAND, 2016, p. 40).

Batman adentra o local para onde Coringa fugiu e, enquanto foge de armadilhas e é exposto a retratos macabros do próprio vilão, escuta um monólogo enlouquecidamente sensato, que avalia as condições que levaram o herói a ter o seu Eu corrompido. Mesmo que desconheça que Batman é, na verdade, Bruce Wayne, Coringa demonstra perceber que eles guardam semelhanças extremas, condicionadas por um dia ruim. Tais afirmações podem ser vistas a seguir, na Figura 5:

Figura 5 – Como o reflexo de um espelho



Fonte: MOORE, Alan; BOLLAND, Brian. *Batman: a piada mortal*. Barueri: Panini, 2016, p. 41.

As palavras do Palhaço do Crime expõem o lado frágil de Batman, uma faceta pouco conhecida de sua personalidade. Nessa perspectiva, a morte dos pais de Bruce Wayne teria o levado à mesma loucura do, antes, comediante, e os atos heroicos só existiriam por conta de uma fragmentação do seu ego, que busca uma forma de superar os traumas passados e encontrar um retorno à unidade psíquica. Conforme Rosset (1976, p. 12), umas das formas de recusa do real é a chamada fórmula da loucura: “Posso também suprimir o real com menores inconvenientes, salvando a minha vida ao preço da ruína mental?” Por meio da introspecção feita por Coringa, é possível, mais uma vez, observar as personagens e sua relação de Duplo com a outra. Mello (2000, p. 123) entende que a questão do Outro é importante porque “fala da essência e da existência do ser, colocando em xeque a unidade psíquica, tão mais significativa quanto mais se mostra frágil.”

Batman, finalmente, alcança o vilão e após um combate físico, Coringa rende-se: “Bem? O que está esperando? Eu atirei uma garota indefesa... Aterrorizei um velho... Por que não me manda pro inferno de uma vez por todas e espera uma ovação da galera?” (MOORE; BOLLAND, 2016, p. 47). Por sua vez, o homem-morcego mantém-se firme em sua posição de refutar a possibilidade da morte de ambos:

Porque não é isso o que eu quero... Porque estou cumprindo a lei. Entendeu? Eu não quero machucar você! Não quero que nenhum de nós mate o outro no fim... Mas estamos esgotando as alternativas... e ambos sabemos disso! Talvez tudo dependa desta noite. Talvez seja nossa última chance de parar. Se você não aproveitar, entraremos numa rota suicida, uma rota... que vai levar nós dois à morte. Não precisa terminar assim, não sei o que tirou você dos trilhos, mas... Quem sabe? Talvez eu tenha estado lá também. Talvez eu possa ajudar. Nós podíamos trabalhar juntos. Eu poderia reabilitar você. Não precisa ficar alienado de novo. Não precisa ficar sozinho. Não precisamos nos matar. O que me diz (MOORE; BOLLAND, 2016, p. 47-48)?

Batman, em momento algum, associa a descontinuação da rivalidade à morte apenas de seu rival. Em algum grau, ele parece ter consciência da conexão Dupla entre ambos e que aquele caminho fatal resultará na aniquilação dos dois. Como já referido, para Rank (2013), o homem primitivo considerava a própria sombra como seu duplo. Desse modo, aquela entidade representaria o lado obscuro do Eu, a sua versão oposta, como é o caso de Batman e Coringa. Tal como um reflexo ou uma sombra, é impossível fazer com que desapareça sem, antes, extinguir aquilo que lhe dá origem.

Após o solilóquio do Cavaleiro das Trevas, seu rival começa a dar risadas e afirma que a situação o lembrou de uma piada:

Escute só... tinha dois caras no hospício... Uma noite eles decidiram que não queriam mais viver lá... E resolveram escapar pra nunca mais voltar. Aí eles foram até a cobertura do lugar e viram, ao lado, o telhado de um outro prédio apontando pra lua... Apontando para a liberdade. Então um dos sujeitos saltou sem problemas pro outro telhado, mas o amigo dele se acovardou... É... Ele tinha medo de cair. Aí o primeiro cara teve uma ideia. Ele disse... "Ei! Eu estou com a minha lanterna aqui. Vou acendê-la sobre os vãos dos prédios e você atravessa pelo facho de luz!" Mas o outro sacudiu a cabeça... E disse... "O que você acha que eu sou? Louco?!" "E se você apagar a luz quando eu estiver no meio do caminho?" (MOORE; BOLLAND, 2016, p. 48).

A piada causa uma reação inesperada ao leitor. Imediatamente após o fim da anedota, Coringa volta a dar risadas, sob os olhos atentos de Batman. Por sua vez, o herói começa a rir discretamente, mas, em seguida, junta-se ao vilão e começa a gargalhar histericamente, enquanto um carro de polícia aproxima-se, como visto na Figura 6:

Assim, é possível inferir que a piada foi o estímulo final para que as personalidades de Batman e Coringa atravessassem a fronteira do Duplo, desfazendo a fragmentação decorrente dos antigos traumas das personagens. Ambos assumem traços da personalidade oposta, fundindo-se em um único ser conceitual. Antes, o herói e o vilão representavam, um ao outro, um tormento que devia ser combatido e moralmente vencido, mas nunca efetivamente morto; agora, ambos voltam a preencher o antigo vácuo deixado pelo esfacelamento da personalidade unitária. Para Edgar Morin (1988),

Esse duplo não é tanto a reprodução, a cópia conforme *post mortem* do indivíduo falecido: acompanha o vivo durante toda a sua existência, duplica-o, e este último sente-o, conhece-o, ouve-o e vê-o, por meio de uma experiência cotidiana e quatinocurna, nos seus sonhos, na sua sombra, no seu reflexo, no seu eco (MORIN, 1988, p. 126).

Cabe observar, também, que o fim da narrativa ocorre nesse momento. Com a chegada dos policiais, o plano desenhado, previamente com enfoque nos inimigos, desloca-se para baixo, destacando uma poça d'água formada pela chuva. Segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2017, p. 15), a significação da água, nas mais antigas tradições, é reduzida, “a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência.” Por sua vez, a chuva, ainda para os autores (2017, p. 235) “é universalmente considerada o símbolo das influências celestes recebidas pela terra.” Desse modo, é possível compreender que os quadros finais indicam uma água que cai dos céus para restaurar as personagens, curá-las de suas feridas emocionais e libertá-las de uma vida perturbada pelos choques que causaram as rupturas nas personalidades de ambas. Coringa e Batman, finalmente, encontram a completude um no outro.

Considerações finais

Na obra *Batman: a piada mortal*, é possível observar a caracterização de Batman e de Coringa como Duplos, até o momento em que o Eu de cada personagem restaura-se de volta à unidade psíquica. A narrativa apresenta um embate psicológico entre os inimigos, em que o Cavaleiro das Trevas deseja encontrar uma solução conciliadora para a rivalidade de ambos, visto que a continuidade desse embate resultaria na morte dos dois. Em contrapartida, o Príncipe Palhaço do Crime elabora um plano para comprovar que um dia ruim pode levar o mais sã dos homens à loucura. Há

um esforço na construção de artifícios para atingir o adversário. Não de um modo destrutivo, mas cooptivo, demonstrando que Coringa busca formas de se aproximar de Batman – este, por sua vez, buscando salvá-lo de alguma forma. Destaca-se esse movimento como uma aproximação pela identificação [...] O personagem [Coringa] aponta para uma semelhança entre os dois por meio da figura do palhaço e do morcego em uma dinâmica infindável de batalhas e reencontros (PEQUENO, SILVA e CARVALHO, 2022, p. 7).

Desde o princípio da obra, o Duplo mostra-se formado, com o herói e o vilão representando as partes perdidas, um do outro, devido aos traumas ocorridos em tempos anteriores. De acordo com Rosset (1976, p. 33), “esta concepção confusa segundo a qual ele seria, ao mesmo tempo, o mesmo e um outro, é a exata definição do duplo.” No final da obra, a piada de Coringa parece ser o termo mediador da paz, tão desejada por Batman, entre ambos. Porém, por sua vez, o homem-morcego, inconscientemente, também cede à proposta do vilão, aceitando a loucura que há dentro de si. De acordo com Mello:

Na literatura, o tema do duplo é recorrente porque diz respeito a questões muito inquietantes para o ser humano. ‘Quem sou eu?’ e ‘o que serei depois da morte?’ são indagações perenes que se projetam na criação artística de todos os tempos e sugerem representações do desdobramento do Eu que pensa e, ao mesmo tempo, é o objeto da reflexão (MELLO, 2000, p. 111).

O embate final resulta na aceitação que os dois fazem de seus lados obscuros e que causam vergonha, desarticulando, assim, a dupla relação de Outro.

Alan Moore e Brian Bolland revigoraram Batman na década de 1980, atribuindo características, até então, nunca vistas às tramas do herói e sendo responsáveis, consoante Goidanich e Kleinert, por um novo apogeu da personagem:

Em *A piada mortal*, Moore e Bolland conseguiram reunir, numa narrativa marcada pelo realismo e a ironia, a dupla *Batman/Coringa* em acerto de contas onde, ao final, ambos lambem as feridas de um passado torturante, incapazes de chegarem ao esperado conflito derradeiro (GOIDANICH; KLEINERT, 2014, p. 328, grifos originais).

Dessa forma, os autores foram capazes de causar uma mudança de paradigma às histórias da personagem: em vez de uma resolução por meio de um embate físico, a arena final, dessa vez, foi a própria mente de Batman e de Coringa, obrigados a encararem os seus maiores medos em busca da superação de seus trágicos passados. Em *Batman: A piada mortal*, o maior inimigo das personagens não é um ao outro fisicamente, mas, sim, o que o outro representa no campo conceitual, ou seja, umas das vergonhosas faces da mesma moeda.

Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

GOIDANICH, Hiran Cardoso; KLEINERT, André. *Enciclopédia dos quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 2014.

KALINA, Eduardo; KOVADLOFF, Santiago. *O dualismo*. Tradução Oswaldo Amaral. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. As faces do duplo na literatura. *In*: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo (Orgs.). *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000. p. 111-123.

MOORE, Alan; BOLLAND, Brian. *Batman: a piada mortal*. Barueri: Panini, 2016.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1988.

PEQUENO, Daniel Paixão, SILVA, Diego Rodrigues e CARVALHO, Alex Moreira. Batman e Coringa: complexidades da dinâmica relacional expressa nos quadrinhos. *Nona Arte*, v. 10, n. 1, p. 1-19, 2022.

ROSSET, Clément. *O real e seu duplo*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1976.